

OS PASTORINHOS E O NOSSO COMPROMISSO

“Fazei tudo o que Jesus vos disser” (Jo 2, 5)

Fevereiro é o mês dos três pastorinhos: no dia 13, celebramos a morte da Irmã Lúcia, e no dia 20, celebramos a festa dos Beatos Francisco e Jacinta Marto. Assim, não podemos deixar passar este mês sem meditar no seu testemunho de santidade.

Três crianças

Os pastorinhos eram pequenos quando Nossa Senhora lhes apareceu. A Jacinta tinha sete, o Francisco nove, e a Lúcia dez anos. Nossa Senhora confiou-lhes uma mensagem de alcance mundial, sem parecer reparar na sua pouca idade.

Na nossa sociedade moderna, não nos passa pela cabeça confiar mensagens importantes a crianças, ou exigir delas grandes compromissos. O exemplo dos pastorinhos está aí, para que não tenhamos medo de desafiar os nossos filhos à santidade. Se a Jacinta, o Francisco e a Lúcia foram capazes de ser santos, por que não hão de os nossos filhos ser também? Um dia ser-nos-ão pedidas contas da educação cristã que demos ou deixámos de dar aos nossos pequeninos, e dos desafios que lhes fizemos.

“Que é que Vossemecê me quer?” (Lúcia, maio de 1917)

Diante da visão mais bonita da sua vida, Lúcia mantém o espírito pragmático que sempre a caracterizou: “Que é que Vossemecê me quer?” Pergunta à Senhora. Esta é, na verdade, a primeira e a principal pergunta da nossa vida: que quer Deus de cada um de nós? Talvez não nos estejamos a colocar esta pergunta vezes suficientes, ou com a seriedade suficiente. Que queres, Senhor, que eu faça?

A cada um dos pedidos de Maria, os três pastorinhos deram o seu Sim. Um Sim sem “mas” nem “ses”. Um Sim total, absoluto, até ao fim. Um Sim muito concreto, que começou logo com as aparições do Anjo:

O Anjo pediu aos pastorinhos para rezar e adorar Jesus Eucarístico, e os pastorinhos começaram a rezar de cabeça no chão horas sem fim, nascendo neles um desejo de adoração eucarística que nada parecia saciar.

Depois, Maria pediu que rezassem o terço todos os dias, e os pastorinhos passaram a rezar muitos terços todos os dias; Maria pediu que aprendessem a ler, e os pastorinhos começaram a ir à escola, especialmente a Lúcia, que viu no pedido de Nossa Senhora a porta aberta para espalhar a sua mensagem; Maria pediu que fizessem sacrifícios pelos pecadores, e os pastorinhos ofereceram a Deus sacrifícios inimagináveis, não só para a sua tenra idade, mas até para os mais fortes de nós; Maria pediu que aceitassem das mãos de Deus todos os sofrimentos que o Senhor lhes enviasse, e os pastorinhos aceitaram a doença, a perseguição, a rejeição, a calúnia, o abandono, o desprezo e a morte, sem uma queixa.

Mais tarde, Maria pedirá a Lúcia que espalhe pelo mundo a devoção ao seu Imaculado Coração, e Lúcia não poupará esforços, orações e sacrifícios, arriscando escrever a Papas e sujeitando-se a infinitos inquéritos.

“Ensina-nos a fazer tudo o que Jesus nos disser”

Os pedidos do Anjo e os pedidos de Nossa Senhora foram muito concretos. A nós, Famílias de Caná, eles são bem familiares, porque estão todos contidos nas nossas “bilhas”: a adoração eucarística, a comunhão frequente, a missa dominical; a vivência penitencial através do sacramento do perdão; a oração do Rosário; a comunhão no sofrimento do mundo e de Jesus – “Nós, Jesus” -; o estudo da Palavra, que precisamos de “aprender a ler”; a consagração a Maria, que é para nós, como para os pastorinhos, “o caminho que nos leva até Deus”, segundo palavras de Nossa Senhora. Será que dizemos Sim a cada um dos pedidos da mensagem de Fátima e da mensagem de Caná? Estaremos a rodear algum destes pedidos, recusando o nosso Sim, ou colocando “mas” e “ses”?

“Quereis oferecer-vos a Deus?” (Nossa Senhora, maio de 1917)

O Sim dos pastorinhos levou-os por caminhos de muita dor. Mas como a dor de Jesus, também a deles terminou na ressurreição. Talvez na nossa vida falte a dor, não a dor que nos é oferecida pela nossa realidade concreta, à qual não podemos fugir, mas pelo cumprimento integral do nosso compromisso. A dor que vem de roubarmos tempo ao tempo para rezar em família, de levantar com sono para ir à missa, de sacrificar atividades de lazer para trabalhar na paróquia, de ajoelhar para rezar o terço, de nunca adormecer sem o fazer. Não é uma dor que tenhamos necessariamente de aceitar, porque não nos é imposta pela vida. É antes a dor que livremente podemos escolher, quando Maria nos pergunta, como aos pastorinhos: “Quereis?” Eles disseram Sim. E nós? Estamos dispostos a aceitar este sacrifício com uma generosidade semelhante à deles?

Compromisso

O Sim que nos é pedido é o nosso compromisso como Família de Caná. Não vamos deixar passar este ano mariano, ano de tantas graças, sem fazer o nosso compromisso público. Maria precisa dele, porque Deus só atua no mundo através dos que derem o seu Sim generosa e livremente. Ele nunca nos impõe nada, nem mesmo a felicidade eterna. Assim, aproveitemos este mês para pôr em prática aquilo a que nos queremos comprometer, não de uma forma passiva, mas imitando os pastorinhos na sua determinação. A nossa família ainda não nos acompanha em todos os momentos? Que isso não sirva de desculpa para nós, individualmente, colocarmos em prática toda a espiritualidade e todo o carisma das Famílias de Caná. Os filhos são muito pequenos para entender? Os pastorinhos também eram. Sabemos que Deus não Se deixa vencer em generosidade, e que nada do que fazamos será em vão. Comprometamo-nos, em nome e pelos nossos, e veremos o vinho da fé, da esperança e do amor jorrar abundante nas fontes das nossas vidas! *Ámen.*